

# AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Pedro Mota Perini-Santos<sup>1</sup>

ZUIN, Poliana Bruno (Org.) **Aquisição da linguagem na primeira infância**: práticas na educação infantil e no processo de alfabetização (Vol. 1). São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

*Aquisição da linguagem na primeira infância* é uma compilação de relatos e reflexões, propostas por professores e alunos pós-graduandos em linguística da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) que atuam nos níveis iniciais da escolarização. A citação que Poliana Bruno Zuin e Luís Fernando Zuin (2019) sintetiza a obra: “os saberes oriundos da experiência de trabalho cotidiana parecem constituir o alicerce da prática e das competências profissionais” (TARDIF, 2012, p. 21).

São nove capítulos.

“Formando professores por meio da dialogia entre teoria e prática” é o primeiro. Proposto por Zuin e Zuin, este capítulo contextualiza a reunião dos textos a partir das “relações entre teorias e práticas, vivências e experiências experimentadas nas discussões, reflexões e inserções em diferentes contextos educativos, a partir do seu olhar e do olhar do outro” (ZUIN, 2019, p.18) amadurecidas durante a disciplina Aquisição da Linguagem na Primeira Infância: práticas na Educação Infantil e no Processo de Alfabetização do programa de pós-graduação em linguística da UFSCar.

O segundo capítulo, “O Desenvolvimento da linguagem na educação infantil: um lhar para a Roda de Conversa”, destaca a relevância dos estágios cognitivos

---

1 Graduado, mestre e doutor em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais, com estágio de pesquisa na University of California, at Davis (2007). Conclui seu pós-doutorado sobre morfologia em 2011 pela UFMG. É professor Adjunto III do Curso de Letras da UFVJM. É pesquisador dos grupos Incógnito (UFMG/CNPq) e coordenador do grupo CIL (UFVJM/FAPEMIG). Tem experiência na Linguística com ênfase em descrição e teoria lingüísticas, atuando principalmente nos seguintes temas: teoria lingüística, cognição e lingüística de corpus infantil.

infantis desenhados por Piaget e da proposta sócio-interacionista vigostskyana, assim designada pelas autoras. A partir desse quadro teórico, Michelle Hashimoto e Emanuelle Avelar narram e analisam as práticas de roda de conversa observadas em uma instituição de ensino infantil localizado em uma universidade federal no interior do Estado de São Paulo que acolhe “tanto à comunidade acadêmica quanto à comunidade como um todo” (ZUIN, 2019, p. 29). A harmonia entre os traços individuais do desenvolvimento infantil e a proposição de atividades tematicamente partilhadas pela turma e os professores durante as rodas de conversa resultam na ampliação da percepção das crianças sobre os outros e sobre elas mesmas.

O terceiro capítulo é da autoria de Amanda dos Reis Herman e Poliana Bruno Zuin. “Práticas de letramento na educação infantil: a criança como sujeito da leitura, suas representações e significações” assume o cenário da sociointeração como ponto de partida para a análise de exercícios observados em sala de aula. O tema do capítulo é a potencialização “da oralidade e da significação” (ZUIN, 2019, p. 42) durante a leitura de diferentes gêneros textuais, à la Bakhtin, em contextos dialógicos entre crianças de 3 e 4 anos e seus professores. A visão discursiva bakhtiniana e o sócio-interacionismo endossam, ambas, uma perspectiva dialógica. As observações feitas durante a pesquisa indicam como as apropriações das interações dialógicas feitas pelos infantes, em sala de leitura atendem à sua necessidade de “realizar leituras e significações” e levam “à aprendizagem significativa da língua materna” (ZUIN, 2019, p. 56).

O quarto capítulo é intitulado. “Práticas de leitura na educação infantil: recontos e representações” Beatriz Giordani Botteon e Poliana Bruno Zuin descrevem pesquisa realizada junto a crianças de 2 e 3 anos de idade, na Unidade de Atendimento à Criança da UFSCar. Incitadas pela leitura de contos e histórias infantis, as crianças expressaram em diversas matérias táteis, aquilo que os textos as sensibilizaram. Assim, as composições artísticas das crianças são representativas de seu desenvolvimento motor, cognitivo e repertorial.

“O desenho e a brincadeira na educação infantil: e se a gente brincar de desenhar” é proposto por Andressa de Oliveira Martins, Carla Luane Ramos e Poliana Bruno Zuin. Neste quinto capítulo, tem-se um outro relato sobre atividade desenvolvida na Unidade de Atendimento à Criança, agora por participantes um ano mais velhos. As autoras indicam como o brincar é uma “forma privilegiada da criança experimentar, compreender e conhecer o mundo” (ZUIN, 2019, p. 70). A prática expressiva acompanhada pela pesquisa foi o desenho. A evolução do domínio das formas, a variação no uso das cores e a importância da escuta e da mediação são identificadas pelas pesquisadoras durante a observação das atividades de desenho.

O sexto capítulo foi redigido por Adenilson Cardoso dos Santos Rocha, Deborah Cristina Simões Balestrini e Letícia Regina Fava Menzori. A pesquisa visa compreender como as profissionais da área pensam a alfabetização, considerando-se que a proficiência em língua portuguesa no Estado de São Paulo continua bastante tímida. “Leituras: diferentes olhares sobre as práticas de leitura no processo de

alfabetização” fazem referência à obra de eminentes pesquisadoras do letramento e da alfabetização como Roxane Rojo e Magda Soares. Foram feitas perguntas a três professoras que atuam como alfabetizadoras há 12, 13 e 30 anos: o que é leitura, como se trabalha, que materiais utilizam, como os alunos leem, têm autonomia, o que lhes é proposto, quais são as dificuldades? As respostas foram confrontadas com as atividades propostas nas respectivas salas.

O sétimo capítulo é “Um relato sobre o simples e o completo no Jardim de Infância Waldorf”. Após apresentar a história e os conceitos fundantes da pedagogia Waldorf, Carla Raqueli Navas Lorenzoni e Claudete Alves da Silva Molesin relatam as observações feitas sobre a dinâmica pedagógica de alunos com idade entre 3 e 6 anos. Os pares conceituais *sístole vs. diástole* e *contração vs. expansão*, próprios à proposta Waldorf, são usados para descrever as diferentes atividades pedagógicas observadas em um ambiente que espelha o lar. A música é um recurso usado para alterar as atividades dos alunos.

Os dois últimos capítulos discorrem sobre a Libras. Em “A Libras como segunda língua na educação infantil”, Diany Akiko Nakamura sustenta que a tenra idade dos educandos que vivem a educação infantil é razão para se familiarizar e adquirir uma segunda língua, desenvolver o intelecto e, assim, “transformar o homem como ser social”. (ZUIN, 2019, p.115)

No nono e último capítulo, Diany Akiko Nakamura e Maria Eugênia Carvalho relatam o uso didático da Libras junto ao público infantil em uma roda de conversa. Em “Roda de Conversa com Libras no processo de construção de sentidos: um relato de experiência”, ecoam-se os preceitos teóricos de Lev Vygotsky: história, cultura, sujeito ativo, mediação, linguagem. Referem-se também a Alexei Leontiev, a Paulo Freire e a Mikhail Bakhtin: brincadeiras, relações sociais, convívios, comunicação, o eu e o outro. Justifica-se, assim, a escolha da roda de conversa que é um “processo que possibilita a fala e a escuta dos sujeitos envolvidos, a vivência e o respeito pelas diferentes opiniões” (ZUIN, 2019, p. 124). Este processo pede a moderação de um professor que harmonize as etapas e ofereça o tema da interação. O uso da Libras é um projeto de sensibilização do alunado ouvinte para “conhecer uma segunda língua”, comentam, o que “se tornou fundamental tanto no desempenho escolar, quando quanto um diferencial transformador, pessoal e intrapessoal” (ZUIN, 2019, p. 128). Na roda de conversa em foco foi usada a Libras. Não é feita menção à participação de Surdos nas atividades.

O livro faz jus a elogios: os textos apresentam conceitos e experiências pedagógicas pertinentes. A maior parte das pesquisas narradas refere-se a situações escolares em que os princípios sócio-interativos são reconhecidos. Há dois aspectos importantes desta publicação que requerem desenvolvimento futuro.

Primeiro. As experiências narradas ocorreram em instituições escolares que atendem a crianças familiarmente universitárias. Apesar dos processos seletivos previstos para o ingresso nas escolas universitárias de aplicação, é possível que as instituições associadas à universidade acolham um público escolar, cujos

progenitores são professores ou técnicos universitários. Nesse sentido, o sexto capítulo destoa. Ele é survey em que Rocha, Balestrini e Menzori (2019) entrevistam professoras do ensino fundamental da rede pública. As entrevistadas apontam para a heterogeneidade dos alunos, a ausência de competência de leitura, a falta de estímulo e de incentivo em casa, e para o barulho que ocorre durante os intervalos entre as aulas. Se forem verdadeiros os preceitos sociointeracionistas em suas diversas dimensões, vale considerar os diferentes perfis das práticas orais e escritas, das famílias para a análise das vivências escolares. Estudos linguísticos baseados em corpus orais infantis apresentam indicações empíricas nesse sentido. Betty Hart e Todd Risley (1995) são comumente citados quando se associam vulnerabilidade social e o desenvolvimento lexical. Risley e Hart (1995) registraram a fala espontânea de crianças americanas em lares socialmente distintos, durante dois anos e meio.

As crianças originárias de famílias assistidas por programas sociais tiveram um crescimento lexical médio, equivalente a 2/3 do crescimento lexical das crianças de classe média e à metade do desempenho crianças cujos pais têm formação universitária. Vários os trabalhos empíricos que descrevem a influência da fala adulta, sobre desempenho linguístico infantil, corroboram tais observações, como Lucivanda Cavalante Borges e Nádia Maria Ribeiro Salomão (2003), e Barbara Pan et al. (2004). Para os psicólogos Baldwin e Meyer (2009), é paradoxal que “as capacidades sociais” sejam ao mesmo tempo reconhecidas “como fundamentais para a aquisição da língua materna” e causem “controvérsias consideráveis” (ZUIN, 2019, p. 87) quando se fala sobre o tema.

Segundo. Estudos linguísticos contemporâneos investigam como os ambientes dialógicos são determinantes para o amadurecimento linguístico das crianças. “No processo de aquisição da linguagem observa-se que ocorre evolução desde as interações socialmente marcadas e dialogicamente determinadas até os usos de ocorrências em formas e estruturas” (ORVIG, 2021, p. 320). Assim, pode-se pensar que o que as crianças interpretam e aquilo que falam ecoam suas interações dialógicas que ocorrem em casa e na escola. Descrições detalhadas sobre a semântica e sintaxe das perguntas, das respostas, das formas linguísticas adultas e subsequentes respostas infantis, enfim, das díades que ocorrem na sala de aula apresentam elementos que podem dar origem a estratégias pedagógicas controladas e produtivas.

## Referências

BALDWIN, Dare; MEYER, Meredith. How inherently social is language? In HOFF, Erika; SHATZ, Marilyn. (Eds.) *Blackwell Handbook of Language Development*. Malden: Wiley-Blackwell, 2009.

BORGES, Lucivanda Cavalcante; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. *Aquisição da Linguagem: considerações da perspectiva da interação social*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.16, n.2, p. 327-336, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/XhvNtFRx5VQbKJbPLC8xprG/abstract/?lang=pt>. Acesso em 13 out. 2021.

HART, Betty; RISLEY, Todd. *Meaningful Differences in the Everyday Experience of Young American Children*. Baltimore: Brookes Publishing, 1995.

ORVIG; Anne Salazar; DE WECK, Geneviève; HASSAN, Rouba; RIALLAND, Annie (Orgs.) *The Acquisition of Referring Expressions: a dialogical approach*. Amsterdam: John Benjamins, 2021.

PAN, Barbara Alexander; ROWE, Meredith SPIER, Elizabeth; TAMIS-LEMONDA, Catherine. *Measuring productive vocabulary of toddlers in low-income families: concurrent and predictive validity of three sources of data*. *Journal of Child Language*, v.31, n.3, p. 587-608, 2004. Disponível em: [https://dash.harvard.edu/bitstream/handle/1/13041220/Rowe%20JCL\\_2004.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://dash.harvard.edu/bitstream/handle/1/13041220/Rowe%20JCL_2004.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 13 out 2021.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2012.

ZUIN, Poliana Bruno (Org.) *Aquisição da linguagem na primeira infância: práticas na educação infantil e no processo de alfabetização* (Vol. 1). São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.